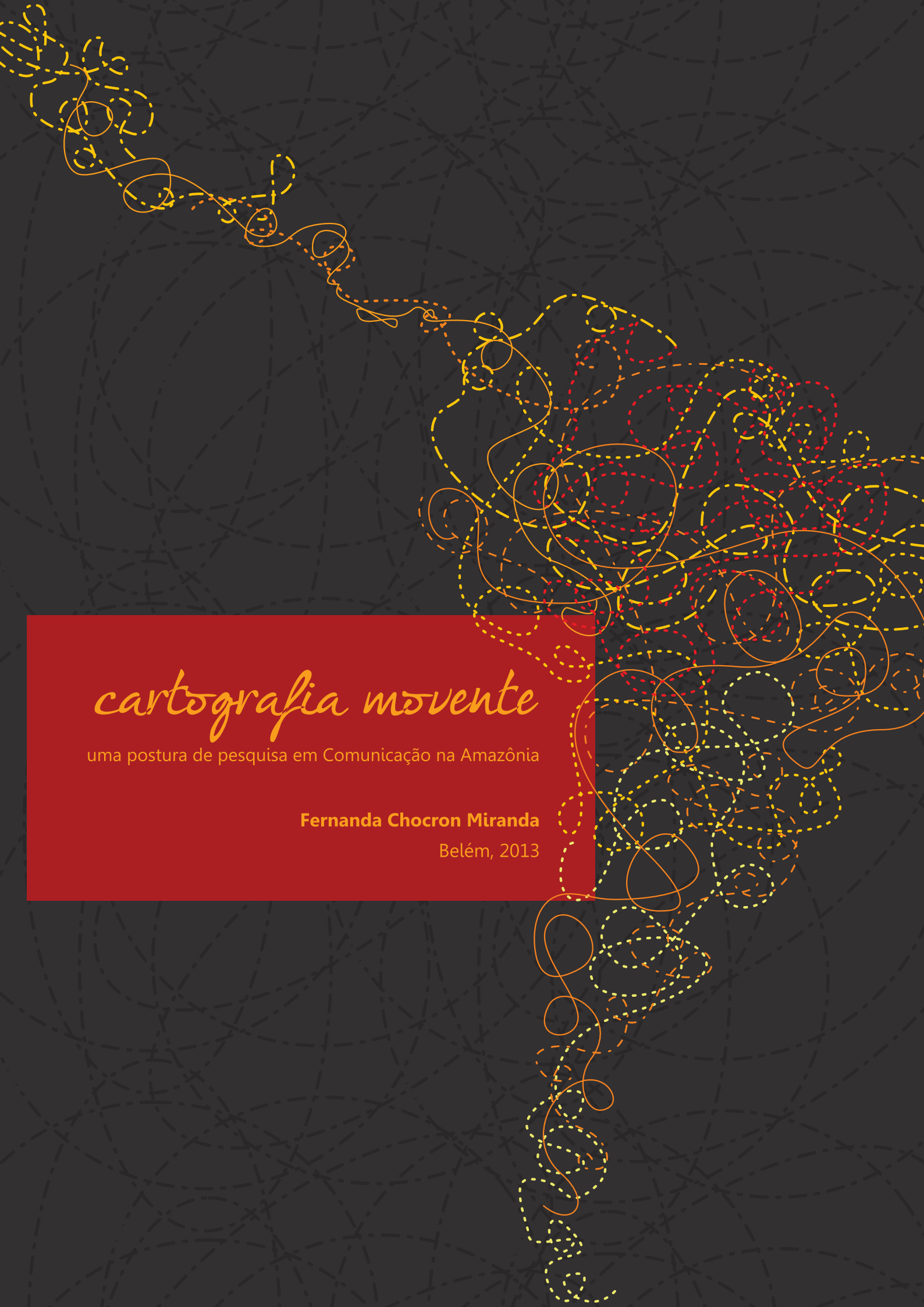




cartografia movente

uma postura de pesquisa em Comunicação na Amazônia

Fernanda Chocron Miranda

Belém, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Fernanda Chocron Miranda

CARTOGRAFIA MOVENTE
uma postura de pesquisa em comunicação na Amazônia

BELÉM- PARÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Miranda, Fernanda Chocron.

Cartografia movente: uma postura de pesquisa em comunicação na Amazônia /
Fernanda Chocron Miranda. - 2013

191 f.: il.; 30 cm

Orientadora: Maria Ataíde Malcher

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura
e Amazônia, 2013.

1. Comunicação. 2. Jesús Martín-Barbero 3. Cartografia movente. 4. América
Latina. 5. Amazônia. 6. Pará

I. Malcher, Maria Ataíde, *orient.* II. Universidade Federal do Pará. III. Título.

CDD: 302.2

RESUMO

Nesta dissertação, proponho uma discussão sobre o que denomino de *cartografia movente*, que é resultado de diversas articulações traçadas nos caminhos e recaminhos que estabeleci ao "mergulhar" na obra de Jesús Martín-Barbero em busca de marcas de sua trajetória de *pesquisa-vida* e da chamada "cartografia que se move". Ao longo desse enfrentamento, que se deu em diálogo com autores como Edgar Morin, observei que a *cartografia movente* se apresenta como postura de *pesquisa-vida*, em que o investigador se permite afetar pelo que estuda, revelando as diferentes faces de uma ciência *diurna* e *noturna*, a partir da qual se é pesquisador integralmente e aquilo que o constitui socioculturalmente integra a investigação e conduz seus caminhos. Como elemento central para as discussões sobre *cartografia movente* estão algumas situações chave que experienciei em cenários empíricos específicos do estado do Pará e que delinearam minha formação acadêmica antes mesmo do ingresso na Pós-Graduação. No exercício de ser pesquisadora e parte da pesquisa, comento os desafios e singularidades que delineiam os cenários empíricos da região, em especial a partir do conceito de *ciudades-florestas* observado por Pacheco (2006), um dos exemplos que percebo como *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)*, por entender, a partir de autores da área da comunicação, como Vera França e José Luiz Braga, que a comunicação se constitui como a força que dá liga ao social, aquilo que conecta as pessoas culturalmente. Assim, também demarco meu posicionamento frente à discussão epistemológica da área da Comunicação, que chama a atenção dos pesquisadores para a importância de estabelecer um "ângulo especial para olhar a sociedade", o que, por sua vez, não inviabiliza a cartografia movente e sim delimita seu ângulo de entrada. Nesse sentido, o trabalho se aproxima da discussão do que seria investigar o objeto de estudo da comunicação e qual a contribuição da nossa área para a compreensão das *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* que observamos na paisagem *movente* da Amazônia.

Palavras-chave: Comunicação. Cartografia movente. Jesús Martín-Barbero. América Latina. Amazônia. Pará.

proposta de navegação

CARTA DE MAR, OU MELHOR, CARTA DE RIO 12

O que se move dentro de mim 25

Por onde passei? 37

Como comecei a caminhar 48

Um “porto seguro” movente 52

Realidades comunicacionais (logo, socioculturais) 56

A experiência de “leitor-que-escreve” 69

No movimento e em movimento com Martín-Barbero 71

“Um forjador de horizontes perceptivos” 72

Aventuras do autor 86

A questionada e surpreendente América Latina 93

Mapas que evidenciam especificidades 104

Invenção e os novos territórios de pensamento 123

“Dominação que se esconde na teoria” 125

Espírito do Tempo 151

Estudos culturais latino-americanos? 158

LUGAR DE PARTIDA (E NÃO DE CHEGADA) 164

CAMINHOS... 174

APÊNDICES 185

Publicações (Lista artigos, capítulos de livro, conferências) 186

Livros mais importantes para obra do autor 189

Mesmo tendo uma proposta predominantemente teórica, percebo que a construção do texto do trabalho só é possível pelo atravessamento dos dados das *realidades comunicacionais* observadas na região. Estes, mais que ilustrativos, são na verdade elementos que tensionados com as bases teórico↔metodológicas constituem a interpretação e o texto acadêmico em si, principalmente por estar falando de cartografia, que de modo resumido pode ser caracterizada como uma junção de mapas mentais e interpretativos de dadas realidades nunca estanques, mas *moventes*.

Mesmo refletindo e produzindo uma cartografia, como já referido, nem sempre se está preparado para encarar de pronto suas revelações. Por isso, considero curioso observar que esse movimento de tensionamento teórico e empírico – sendo a obra de Martín-Barbero tanto um quanto outro – tem uma espécie de composição “mágica”, como reconhece Lopes (2010), quando um assunto do senso comum se transforma em tema de pesquisa e pelo amadurecimento teórico e construção conjunta com o empírico, nasce um objeto de estudo.

No movimento e em movimento com Martín-Barbero

Acredito que para compreender as trocas realizadas em uma determinada porção da Amazônia – leia-se, observar o objeto de estudo da área da Comunicação considerando o *lugar desde onde penso (e sinto)*, foi central me aproximar da obra de Martín-Barbero em busca de pistas e marcas de sua trajetória de pesquisa-vida. Ele começou a traçar seu percurso antes mesmo de chegar à América Latina, deixando-se afetar pela(s) realidade(s) observada(s) e vivenciando um permanente tensionamento, considerando que “a perda de certas seguranças continua a ser fundamental para que se possa ouvir o som das novas situações e dos novos problemas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 123).

Como já mencionado por Rosário (2008), entre os elementos que constituem e dão o tom da cartografia, está a trajetória de vida e pesquisa do investigador. Após muitas idas e muitas vindas, consegui traçar o que possivelmente vem a ser

um registro de sua trajetória e das pistas da “cartografia [que] *se move*”. Este, porém, não é linear e muito menos se deu de forma estanque ou desaliado de discussões estabelecidas com exemplos das *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* da Amazônia. Como mencionei anteriormente, ao mergulhar na obra de Martín-Barbero já imbuída pela cartografia, fui registrando pontos principais, aos quais, posteriormente, retornei costurando elementos empíricos↔teóricos↔metodológicos, formando não mais um conjunto de pontos, mas linhas que marcam a caminhada de compreensão da *cartografia movente*.

“Un forjador de horizontes perceptivos”⁷⁶

García-Canclini (1998) se refere a Martín-Barbero, entre outras coisas, como um intelectual que como ele também “desobedece” as rotinas das disciplinas e de modo especial e sutil consegue transitar e se colocar na intersecção entre saberes já acumulados e legitimados e conhecimentos recentes ou relativos ao que falta explorar e sistematizar. Esses dois aspectos são bastante sintéticos ao que mais me chama atenção e me envolve com a obra de Martín-Barbero desde a graduação e de modo especial no mestrado. A palavra desobedecer tem um sentido especial, pois por si só me remete a grande parte do que discuto ao longo do trabalho relacionado: à trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero⁷⁷; ao que vem a ser a *cartografia movente*; e ao processo de aprendizado que marcou a elaboração deste trabalho que foi delineado por idas e vindas e, sobretudo, impulsionado pelo desafio de romper e, afinal, “desobedecer” a visão

⁷⁶ VILLANUEVA, Erick R. Torrico. Un forjador de horizontes perceptivos. In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). *Comunicação, cultura, mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero*. São Bernardo do Campo : Umesp : Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 55-61.

⁷⁷ Nasceu em 1937, em Ávila, na Espanha e vive desde 1973 na Colômbia, onde foi nacionalizado cidadão colombiano em 2004. É doutor em Filosofia pela *Universidad de Lovaina*, Bélgica (1971) e pós-doutor em Antropologia e semiologia na Escola de Altos Estudos em Paris (1972 a 1973). Foi responsável pela criação do Departamento de Ciências da Comunicação da *Universidad del Valle*, em Cali na Colômbia. De 1999 a 2003, atuou como professor do Instituto Tecnológico de Estudos Superiores de Occidente em Guadalajara (México). De 2003 a 2009, atuou como professor e coordenador de pesquisa da Faculdade de Comunicação e Linguagem da *Pontificia Universidad Javeriana* de Bogotá. Foi professor visitante de diversas universidades, entre elas Complutense de Madri, Autônoma de Barcelona, de Stanford, de Pittsburgh, de Buenos Aires, *Libre de Berlin*, *New York University*, *New School University* e da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade do Estado de São Paulo (USP). O currículo completo do autor está disponível em: <<http://www.mediaciones.net/2009/12/curriculum/>>.

estranque e objetiva que ainda tenho do mundo, da região e da comunicação, mesmo quando tudo a minha volta emana complexidade e é essencialmente constituído a partir de contradições.

Além disso, a trajetória de Martín-Barbero me inspira compromisso com a produção do conhecimento e, principalmente, envolvimento com a compreensão da realidade da América Latina e sua possível transformação social. Para Fabio López de la Roche (1998, p. 113), seu pensamento está “muy ligado simultaneamente a un claro sentido del compromiso social y político del investigador”, o que pode ser observado, por exemplo, na atuação política que iniciou antes de sua vinda em definitivo para a América Latina. Mais que líder de instituições como a Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)⁷⁸ e a Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social⁷⁹ (FELAFACS), Martín-Barbero sempre expressou e teve como base de suas ações o comprometimento com a produção de um conhecimento que permita entender o que acontece em cidades, bairros, famílias latino-americanas. Segundo o autor, inclusive, ele nunca atuou apenas como pesquisador. “Minha vida sempre esteve muito mais fora do que dentro da universidade. [...] sempre tive uma agenda política, não-partidária, muito envolvida com os movimentos sociais” (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 4).

Como complementa Reguillo-Cruz (1998), Martín-Barbero é um

pensador que no sabe ocultar los desgarramientos que le producen las realidades que aborda; el pensador que no disimula la satisfacción de descubrir ‘las chapuzas’, los ardides y tácticas que oponen los excluidos; el pensador irónicamente elegante que desliza, como no queriendo, cáusticos comentarios en contra de todo absolutismo (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 89)⁸⁰.

⁷⁸ Foi eleito presidente da ALAIC em 1978-1980. Vale ressaltar que esse dado foi retirado do site sobre a obra do autor <www.mediaciones.net>, na Aba Currículo, entretanto, neste mesmo espaço há uma página intitulada “Cronología de Jesús Martín-Barbero”, na qual a entrada do autor na presidência da ALAIC aparece datada em 1979.

⁷⁹ É membro do conselho consultivo da FELAFACS.

⁸⁰ Diferente dos demais pesquisadores latino-americanos referenciados no trabalho, nos textos de Rossana Reguillo-Cruz encontrei muita dificuldade em compreender seu espanhol, por isso, optei por traduzir o trecho e agora disponibilizo a você leitor(a). Tradução livre do trecho: “pensador que não sabe ocultar a tristeza que lhe produzem as realidades que aborda; o pensador que não dissimula a satisfação de descobrir ‘as gambiarras’, os ardis e as táticas de que os excluídos fazem uso; o pensador ironicamente elegante que desliza, como sem querer, comentários cáusticos contra todo absolutismo”.

Por abrir novos horizontes de pesquisa e ter uma atuação política não-partidária expressiva na área da Comunicação, Martín-Barbero tornou-se um dos mais respeitados e referenciados pensadores da América Latina – independente das críticas feitas a sua obra e atuação política não-partidária. Isso fez com que passasse, em países como o Paraguai, segundo Aníbal Orué Pozzo (1999, p. 63), de uma leitura considerada “alternativa” e periférica dentro das universidades, ao centro das discussões efetuadas nas disciplinas estruturantes dos cursos de Comunicação, como Teorias e História da Comunicação, por exemplo. Como anunciado no título de sua entrevista à Revista *Pesquisa FAPESP* (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), “Martín-Barbero fez da América Latina um laboratório de uma original teoria da comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2009c, p. 1).

Por conta do interesse recorrente pela América Latina, Roche (1998) assinala uma “vocación latinoamericanista” em sua investigação, o que levou Martín-Barbero a “construir una relación de comunicación permanente y atenta con la producción con los estudiosos de la comunicación y la cultura en muy diversos países”, tais como García-Canclini, Beatriz Sarlo, María Cristina Mata, Carlos Monsiváis, Renato Ortiz, Rosa María Alfaro, José Joaquín Brunner, Oscar Landi e Martín-Hopenhayn (ROCHE, 1998, p. 114).

Na trajetória de Martín-Barbero, percebo o sentido de afeto e da pesquisa científica como uma escolha de vida. Mais que uma pesquisa de vida, trata-se de uma vida de pesquisa, em que se é cientista 24 horas e não apenas durante os compromissos protocolares da vida acadêmica. A vida pessoal e profissional se atravessam de tal forma que se complementam e até se confundem em alguns momentos, pois as duas são fontes de aprendizado, reflexão e produção de conhecimento, fontes diurna e noturna.

Em contato com a Autobiografia do autor, chama atenção a afirmação de que seu interesse pela investigação começa durante a convivência com sua mãe, que foi, segundo ele, a responsável por sintetizar em sua memória a mais clara noção de cultura popular⁸¹:

⁸¹ Vale registrar que ao longo do trabalho recorri a diversos exemplos da trajetória de Martín-Barbero que considero centrais para a compreensão de que a “cartografia se move”. Mesmo sabendo que em alguns momentos a descrição detalhada pode se tornar excessiva e cansativa, acredito ser válido registrar o máximo de informações encontradas já que o processo de pesquisa e

su solidaridad en los duros tiempos de la postguerra, su capacidad de aglutinar a la gente para defender sus derechos, su generosidad quitándonos parte de lo que nos correspondía por la cartilla de racionamiento para dárselo a los más pobres, y también su profunda religiosidad, de la que según ella misma, era de donde sacaba su fuerza, su energía. [...] Y esto me marcó para toda la vida: yo no conocí una fe que no evadía del mundo, ni alienaba de los verdaderos y más terrestres problemas, sino todo lo contrario, generaba generosidad y alegría (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 23-24).

Ao falar de sua formação, Martín-Barbero (1999) também destaca o papel de seu primeiro professor de História da Filosofia que ainda no ensino secundário contribuiu significativamente com sua visão de mundo, pelo fato de tê-lo estimulado a pensar cultura para além da visão tradicional. Uma cultura que não está diretamente e somente ligada às artes ou aos livros, mas também a manifestações que se dão nas praças e festas. “Mi formación quedó así marcada por esas dos figuras que, desde los extremos de la cultura más popular a la más culta, convergieron sobre la articulación del proyecto de vida con el de trabajo” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 24).

Desde sua mudança definitiva⁸² para a América Latina em 1973, Martín-Barbero se permitiu afetar e envolver pelas singularidades do processo de formação dos estados nacionais nos países do continente, requerendo assim uma sucessão de deslocamentos teóricos. Entre eles merece destaque a compreensão da *comunicação como um processo* no momento em que se muda o local das perguntas para a esfera da cultura, passando a encará-la como uma das categorias (para não usar variáveis)⁸³ constituidoras dos processos de comunicação multidimensionais.

Nas palavras do próprio Martín-Barbero (2009a, p. 29), *mudar o lugar das perguntas* significa

tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural. E para isso, investigá-los a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações

sistematização das mesmas foi bastante dificultado pela forma dispersa como a produção de Martín-Barbero está distribuída pela América Latina.

⁸² Como veremos, antes de se mudar para a América Latina, Martín-Barbero passa alguns anos na Colômbia atuando como professor de Filosofia, mais precisamente no período de 1963 a 1968.

⁸³ Faço esta indicação, tomando como base o quadro comparativo, proposto por Guillermo Orozco-Gómez e Rodrigo González (2011, p. 120-121), entre as perspectivas qualitativa e quantitativa de pesquisa, que ao longo do livro são apresentadas como complementares para um estudo em comunicação.

entre práticas de comunicação e movimentos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 29).

Assim, essa mudança é bem mais do que os pesquisadores que criticam a obra de Martín-Barbero dizem ser sua filiação ao campo da cultura, pois como se viu, mudar o local das perguntas, não é necessariamente vincular essas perguntas em um espaço físico ou campo do conhecimento. Como já mencionei, apesar de não necessariamente trabalhar na mesma perspectiva de França (2001, 2006, 2008) e Braga (2011a, 2011b, 2012a, 2012b), as contribuições do autor não estão distantes da compreensão de processo comunicativo, bem como não o desvinculam da compreensão do que vem a ser o objeto de estudo da Comunicação.

Mais que a mudança de local para a cultura, talvez esse deslocamento represente uma mudança na forma como se pensa e responde as perguntas, como convida Morin (2009, 2010) a partir de um pensamento complexo. Assim não estamos falando de um local físico ou de uma área de conhecimento emparedada. Mas de um pensamento outro que percebe o total não com a pretensão de visualizá-lo como um todo, sabedor que nunca o alcançará em plenitude, pois muitos são os níveis de complexidade, estes passíveis de estudo quando se reconhece a incerteza⁸⁴.

Falando desta mudança, Martín-Barbero explica que

A crítica tinha de ser radical: mudar de perspectiva exige não só mudar de método, pois não pode poupar-se o questionamento da matriz epistemológica-teórica dessa “ciência”. O metodológico não é autônomo, sua coerência lógica é parte do projeto teórico, de uma particular concepção do objeto a partir da qual certos problemas são formuláveis e abordáveis e outros não. A armadilha do cientificismo consiste precisamente em proporcionar ao pesquisador a oportunidade ilusória de se sentir presente no processo social mas sem necessidade de tomar posse, sem assumir opção alguma. Diante dessa ilusão, que sem dúvida pode funcionar psicologicamente, embora a realidade social jogue por terra, a ruptura teórica implica exigências concretas no nível do projeto geral de transformação da *realidade pesquisável*. E isso tem incidência sobre os objetos e métodos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 50 e 51).

⁸⁴ Vale ressaltar que *mudar o lugar das perguntas* também é recorrentemente atribuído ao deslocamento epistemológico que Martín-Barbero faz *dos meios às mediações* que, grosso modo, é percebido apenas como a saída dos estudos da esfera da produção para a recepção. Por conta dessa visão, ao se falar em *mudança no local das perguntas* não necessariamente se referencia a ruptura com a noção linear do esquema emissor-mensagem-receptor.

Seguindo na Autobiografia de Martín-Barbero (1999), ele afirma que apesar de muito curta, de apenas de um ano e meio, a experiência na Universidad de Tadeo Lozano foi suficiente para realocar seus projetos de investigação e atuação docente para o âmbito da Comunicação. Isto porque ele foi desafiado, imediatamente ao chegar a América Latina, a propor uma área de produção de conhecimento científico na instituição e, de modo mais específico, na então recém-inaugurada Faculdade de Comunicação Social da Universidade. Martín-Barbero afirma, inclusive, que já naquele momento foi convencido de que “la comunicación era un espacio estratégico para comprender algunas de las transformaciones más de fondo de nuestras sociedades” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 29).

Diante dessa informação, vale ressaltar que a década de 1970 representou no Brasil, e em alguns países da América Latina, o primeiro período de criação acelerada de cursos de Comunicação nas instituições de ensino superior⁸⁵, sobretudo, públicas, motivado pelas recorrentes intervenções militares sofridas em muitos dos países da região na segunda metade do século XX. Este momento configura a segunda fase do processo de formação de um campo de estudo específico da Comunicação denominada por Marques de Melo (2003) de “assimilação universitária”, em que “pressionadas pelo mercado, pelo Estado e pela sociedade civil”, as universidades admitem os estudos na área de Comunicação a partir da criação de cursos profissionalizantes” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 40)⁸⁶.

Vale complementar que no final dos anos 1970 foi criada na Colômbia a Asociación Colombiana de Facultades y Programas Universitarios en Comunicación (AFACOM), que atualmente reúne faculdades de Comunicação do país. O movimento de formação na área começa em 1936, com os cursos de jornalismo

⁸⁵ Segundo Gomes (2008, p. 110), até 1976 já haviam 43 cursos de comunicação no Brasil, concentrados em sua maioria em instituições da região Sudeste. Neste mesmo ano, de acordo com Malcher et al (2012), na região Norte, foi criada a Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará que foi responsável por mais de 20 anos, juntamente com o curso da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), criado em 1969, pela formação dos profissionais da área nesta parte do país.

⁸⁶ Marques de Melo (2003) aponta três etapas da formação do campo comunicacional, sendo: a primeira de “legitimação empírica” configurada pelo movimento de profissionais e pesquisadores da área de reunir em manuais e outras publicações reflexões sobre a prática comunicacional e as realidades em que atuavam; a segunda de “assimilação universitária”, já citada; e a terceira de “reconhecimento acadêmico”, marcada pela criação de programas de ensino e pesquisa fixos, como os programas de pós-graduação, que no Brasil datam de 1972, com a abertura do PPGCOM da Escola de Comunicações e Artes da USP.

ofertados pela Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, que em 1949 se converteu na primeira Escola de Jornalismo da Colômbia. Neste cenário o desafio de Martín-Barbero foi alinhar a ainda incipiente formação profissional em nível superior em Comunicação com a construção de um campo de investigação. Segundo ele, a ideia era “convertir esos estudios en Colombia en un área específica de producción de conocimiento” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 29). Para isso, o teórico propôs uma abordagem de estudos dos meios, processos e práticas comunicacionais a partir das ciências sociais e de modo especial a partir de uma nova visão da cultura, constituída, como já mencionei, essencialmente por uma *natureza comunicativa da cultura*.

Em entrevista, o autor revela inclusive, que “para [sua] surpresa [...] e de muitos outros, não só o Ministério da Educação aprovou o projeto, como o recomendou para outras escolas” (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 3). Processo a partir do qual ele pode conhecer o funcionamento das faculdades de Comunicação da Colômbia – “em geral, uma mistura de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade. Um pouco de tudo, e nada de nada” – e se aproximar de forma intensa do cenário político do país. Com isso, sentiu-se pronto para vivenciar o que considera “la aventura más larga y densa de mi vida” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 30): a criação do Departamento de Ciencias de la Comunicación na Universidad del Valle, em Cali⁸⁷, a segunda instituição universitária mais antiga da Colômbia.

Como abordo de modo detalhado adiante, a relação de Martín-Barbero com a América Latina começa bem antes de assumir um papel central na produção de conhecimento na área da Comunicação e estudos da cultura. No período de 1963 a 1968, o autor vivencia uma experiência que considera esplêndida: vir morar na Colômbia com um grupo de amigos como alternativa para fugir do franquismo⁸⁸. Entre outras atividades, ele trabalhou como professor de Filosofia e dirigiu um centro de estudos universitários, que foi palco de inúmeros debates e estava aberto aos conflitos e movimentos sociais da época. Segundo o autor, nesses anos a sensação era de que poderia “tocar la revolución con las manos. Una revolución

⁸⁷ Pela importância dessa cidade na trajetória de Martín-Barbero, considereei válido registrar que ela foi fundada em 1536 e tem mais de dois milhões de habitantes, sendo a terceira mais populosa da Colômbia. É a capital e a maior cidade do Vale do Cauca e está situada entre a cordilheira ocidental e a cordilheira central dos Andes, nas margens do rio Cauca.

⁸⁸ Regime político ditatorial que vigorou na Espanha, no período de 1939 e 1976, liderado pelo general Francisco Franco.

que iba realmente, como diría el Che, a crear un hombre nuevo” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 25).

Cheguei lá como professor de filosofia em um momento em que a América Latina vivia o céu – quase o tocávamos com as mãos. Havia estourado a Revolução Cubana, e, em todo o mundo universitário, vivia-se uma onda revolucionária muito forte — embora ingênua, se vista com os olhos de hoje (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 2).

Diante da afirmação, me chama atenção o entusiasmo e até o deslumbramento que Martín-Barbero expressa ao retomar na memória os sentimentos que o moviam em seu primeiro contato com a América Latina. Apesar do nível de amadurecimento teórico que chegou com o passar dos anos, ao registrar suas memórias, ele revela o vigor dos sentimentos de curiosidade e deslumbramento que o acompanham desde a juventude, próprios e permanentes na conduta de um pesquisador apaixonado pelo que faz.

Menciono isso porque ao longo da dissertação observei que meus posicionamentos, mesmo com a atenção necessária no exercício da *cartografia movente*, acabam dando vazão a um entusiasmo puro e por vezes inocente, por não me dar conta da quantidade de questões envolvidas em uma simples afirmação. Acredito que estes são posicionamentos ainda não lapidados pelo fazer pesquisa, experiência que paulatinamente vai tensionando as impressões do pesquisador com o teórico↔metodológico e amenizando o que nos deixa perplexos – sem exagero! – ao observar os objetos de estudo da Comunicação acontecendo no ritmo da vida.

Também em sua autobiografia, Martín-Barbero (1999, p. 25) comenta que a decisão de ir para a América Latina se deu menos pela atração por conhecer o continente e mais pela “imperiosa necesidad de salir de una España terriblemente sombría”. E nessa época a América Latina era sinônimo de liberdade e de aventura. O autor conta que antes do intercâmbio, ele já tinha contato com produções culturais de alguns países latino-americanos, sobretudo, livro e filmes, a partir da entrada e circulação clandestina desses conteúdos na Espanha.

como uma maneira de lutar contra essa imposição [referência ao franquismo], nós escutávamos quase que o tempo todo música francesa e, principalmente, latino-americana. [...] Fomos muito influenciados também pelo cinema latino-americano, em especial o argentino. A verdade é que, naquele momento, aprendi muito

mais com a cultura de meus amigos do que com a de meus pais e a de meu povo. [...] Conseguíamos ler e escutar coisas que a grande maioria não podia, por meio de amigos dos amigos, as redes organizadas clandestinas... Livros estupidamente proibidos [...] só eram conseguidos às escondidas, muitas vezes por membros do Partido Comunista que os traziam da Argentina e do Brasil. Dessa maneira também chegava a música. Facilitava o fato de haver muitos exilados espanhóis na Argentina e no México, embora o que os motivasse era a possibilidade de apresentar a pessoas como eu um horizonte diferente do oferecido pela universidade submetida a Franco (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 1-2).

Em 1968 o autor retorna para a Europa e inicia o Doutorado em Filosofia pela Universidade de Lovaina, sob a orientação de Jean Ladrière⁸⁹. Por conta da experiência na América Latina, logo após seu retorno Martín-Barbero imediatamente começou a trabalhar em uma organização de latino-americanos que estavam exilados em países europeus, o SEUL (Servicio Europeo de Universitarios Latinoamericanos). Nesse processo conseguiu conciliar os encontros do trabalho com os estudos de doutorado. Entretanto, ao longo desse período, o que mais marcou sua experiência foi o contato com os estudantes do SEUL do que com o que estudava na universidade, tanto que isso motivou, anos depois, seu posterior retorno e fixação na América Latina. “Cuando terminé mi tesis de doctorado y la defendí, yo ya sentí que mi espacio vital era América Latina” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 27).

Esse contato com latino-americanos influenciou diretamente a pesquisa de Martín-Barbero, que já propunha uma combinação de autores contemporâneos da filosofia e da sociologia⁹⁰, diferente das teses apresentadas em Louvaine, que se dedicavam de forma exaustiva à compreensão da obra de um único autor – como acabei fazendo com Martín-Barbero em busca de marcas de sua pesquisa-vida, centrais para a compreensão posterior da *cartografia movente* como postura de pesquisa em Comunicação na Amazônia.

A intenção do trabalho de Martín-Barbero era propor um “proyecto de liberación”, percebido pelo orientador mais como um projeto de livro latino-americano do que como uma tese de doutorado. Apesar de ser cúmplice da ideia e dimensionar a profundidade da proposição de seu orientando mais latino que

⁸⁹ A escolha de Martín-Barbero por esse professor se deu pelo interesse que o mesmo tinha sobre questões ligadas à América Latina, e por ser, em sua opinião, “uno de los profesores más lúcidos y progresistas de Lovaina” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 26).

⁹⁰ Entre os autores citados por Martín-Barbero (1999, p. 27) estão Merleau-Ponty, Paul Ricoeur, Alain Touraine, Lucien Goldman, Martí y Neruda, Noam Chomsky.

espanhol, Ladrière foi questionado sobre a pertinência do trabalho oito dias antes da defesa, por um dos membros da banca examinadora, que qualificou a tese como um “panfleto político”.

Outro fato interessante foi que Martín-Barbero fez questão de entregar a tese escrita em espanhol diferentemente do que se aceitava na universidade. Segundo o autor “Si en Lovaina había tesis en inglés, en alemán e incluso en italiano, ¿por qué? – habiendo cuatro mil latinoamericanos – no teníamos derecho a hacer la tesis en castellano?” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 27).

Já considerando as críticas que haviam sido expressas sobre o trabalho, Martín-Barbero (1999) conta que iniciou a defesa explicando que diferente de outras teses que representavam um ponto de chegada de anos de pesquisa, a dele correspondia a um ponto de partida para pelo menos 20 anos de investigação – e ele não estava mentindo! E com isso, ao invés de questionarem a validade da tese do ponto de vista da filosofia, os avaliadores surpreendentemente iniciaram um debate relativo à visão que tinham sobre a realidade latino-americana. Tanto que segundo o autor foram duas horas em que os jurados expuseram noções totalmente estanques do que representava cidadania, desenvolvimento, entre outros conceitos que liam apenas a partir de suas bases teóricas puras e não tensionadas com outras realidades que não as da Europa – se é que tensionadas, já que a *dependência*⁹¹ teórica não é uma exclusividade latino-americana.

Os avaliadores questionaram, por exemplo, a afirmação que Martín-Barbero fazia de que em países latinos como Guatemala, Honduras, Equador, Bolívia e Peru, grande parte da população para “ser cidadão” precisava renunciar de seu idioma. Na Introdução da Tese, publicada em 1972 com o título *La palabra y la acción. Por una dialéctica de la liberación*, encontramos um trecho que nos parece responder ao questionamento dos avaliadores de Martín-Barbero:

¿Cómo hablar de esas masas campesinas recién llegadas a la gran ciudad con su idioma de lluvias y de surcos y que se ven reducidas de golpe a la mudez frente al asfalto, el ruido, las mil cosas, los cien mil discursos, el trabajo en cadena y la nueva fatiga? (MARTÍN-BARBERO, 1972, p. 14)⁹².

⁹¹ Novamente faço referência a um dos termos que integra o mapa relativo aos tipos de uso teórico nas pesquisas em comunicação que detalharemos a seguir.

⁹² Para referenciar a página utilizei a numeração da versão em pdf. da Introdução do livro disponível no *Scrib* (site/biblioteca digital de compartilhamento, gratuito ou não, de publicações) e que tivemos acesso a partir do site <www.mediaciones.net/>. Assim, esse número não

Pelo tom da discussão durante a defesa, Martín-Barbero (1999) explica que para os examinadores, indígenas não eram considerados agentes sociais e políticos, mesmo sendo esta população majoritária em muitos dos países latino-americanos.

Após a arguição, Martín-Barbero (1999, p. 28) conta que para sua surpresa foi aprovado com distinção e que aquele momento revelou para os próprios amigos latino-americanos que assistiam à defesa – “incluso los más progresistas” – o quanto se tinha uma imagem deturpada e conservadora da América Latina, que ele já no doutoramento insistia em “quebrar”, como se pode observar em mais um trecho da tese:

No estamos aflorando ningún pasado, ni buscando la salida del círculo, sino intentando interrogar al problema de nuestra época para desmitologizar esa dicotomía con que los países ricos intentan intimidar a los países pobres. Según aquellos el único futuro de éstos, su desarrollo, está forzosamente ligado a la aceptación de un tipo de racionalidad productiva, única capaz de arrancarles de la miseria, aunque ello suponga la muerte lenta (MARTÍN-BARBERO, 1972, p. 13).

Esse exemplo me remete ao fato de que Martín-Barbero, um autor estrangeiro, foi quem propôs uma outra forma de compreensão da América Latina, que ainda precisa ser melhor conhecida e reconhecida. Não há como negar sua contribuição para a área da Comunicação e, sobretudo, para o deslocamento do olhar para o quanto a diversidade das *realidades comunicacionais* (logo, *socioculturais*) latino-americanas tem a dizer sobre nós mesmos.

O mesmo pode ser observado quando penso nas pesquisas sobre a Amazônia que em grande parte são desenvolvidas por pesquisadores de fora como destaca Alex Bolonha Fiúza de Mello (2007)⁹³. No caso dos estudos de Comunicação no Norte, que ainda estão em processo de consolidação, sobretudo com a implantação de dois programas de pós-graduação na área⁹⁴, o volume de produção ainda é pequeno se comparado às demais regiões do Brasil. Diante disso é preciso agilizar

necessariamente corresponde à numeração da página em que este trecho está localizado na edição impressa do livro.

⁹³ O referido autor foi reitor da Universidade Federal do Pará, no período de 2001 a 2009.

⁹⁴ O PPGCOM da UFAM entrou em funcionamento em 2008 e as primeiras defesas ocorreram no segundo semestre de 2010. Mais informações em: <<http://www.ppgccom.ufam.edu.br/>>. No caso do PPGCOM da UFPA, o Mestrado Acadêmico foi aprovado em março de 2010 e a entrada da primeira turma se deu em agosto do mesmo ano. As primeiras defesas tiveram início em junho de 2012. Informações: <<http://www.ppgcom.ufpa.br/>>.

a consolidação de um grupo de pesquisadores qualificado e envolvido com a compreensão das múltiplas *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* que compõem a(s) Amazônia(s). Com a criação dos PPGs – mas não somente – há a possibilidade de não se ter apenas a visão externa à região, mas um diálogo entre os que olham para cá e os que olham de cá.

Tenho que convir também que algo que provoca a incompreensão e o desconhecimento que ainda tenho da região – a Amazônia e, por sua vez, América Latina – é a falta de hábito de adotar e compartilhar conhecimentos com os pesquisadores que estão produzindo sobre e no local. Como discutido em fóruns internos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, ainda se estabelece pouco contato com as produções dos demais centros de pesquisa dentro da própria universidade, bem como se lê e se apropria pouco dos resultados das pesquisas desenvolvidas na Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Além disso, não somos estimulados a conhecer os latino-americanos durante a formação nas Faculdades de Comunicação⁹⁵, também parecemos não ter interesse, pois nem mesmo nos damos ao trabalho de visitar as referências bibliográficas dos poucos livros com os quais temos contato⁹⁶. No caso de *DMM*, por exemplo, mais da metade das 400 obras citadas, de acordo com informação do próprio Martín-Barbero (1999), são de autores latino-americanos, alguns deles centrais para a formulação do conceito de *mediações*. O mesmo acontece em *Ofício de cartógrafo*, que das 437 obras citadas, 208 são de autores latino-americanos⁹⁷.

Assim, no momento da leitura de *DMM* e *Ofício de cartógrafo* acabei reconhecendo e fixando apenas que os autores citam teóricos como Theodor

⁹⁵ Ver: MALCHER, Maria Ataíde; LOPES, Suzana Cunha. Perfil das disciplinas de Teorias da Comunicação no Estado do Pará. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. *Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2011. p. 1-16.

⁹⁶ Ao falar da proposta de criação do “Grupo de Pesquisa Mídia e Culturas digitais na América Latina” na Intercom, a professora Maria Cristina Gobbi, comentou que o contato dos brasileiros com os autores latino-americanos está concentrado em autores como Martín-Barbero e García-Canclini e quase que limitado às obras mais famosas, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, do primeiro, e *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, do segundo.

⁹⁷ Considero importante registrar que além de contabilizar as referências bibliográficas de *DMM* e *Ofício de cartógrafo*, foi criado um banco de dados específico para coletar todas as informações sobre as obras citadas por Martín-Barbero, seja livro, capítulos em livros organizados ou ainda artigos em periódicos. Apesar de não ter sido apresentado neste trabalho, destaco que o levantamento e o preenchimento do banco foram concluídos.

Adorno, Sigmund Freud e Edgar Morin, passando de forma despercebida nomes como Norbert Lechner, Carlos Monsiváis, Luis Ramiro Beltrán, Manuel Martín Serrano⁹⁸, entre outros. Acredito que esse distanciamento tanto com a produção latino-americana quanto amazônica, pode ser atribuído também em grande medida à formação que recebemos ainda na escola básica e fundamental de que o conhecimento está *fora*, no mais amplo sentido da palavra. E nesse estar *fora*, observo dois sentidos convergentes: 1) ligado à formação eurocêntrica ofertada às instituições a partir da qual aprende-se que o conhecimento produzido na América Latina, e por consequência na Amazônia, não são legítimos como os da Europa, verdadeiro celeiro de produção intelectual; 2) ainda por conta da formação eurocêntrica, aprende-se que o conhecimento está quase que exclusivamente nos livros, sendo estes os únicos saberes verdadeiros. Por isso, nas nossas escolas pouco se ensina que se pode e deve buscar saberes também junto aos pais, avós e vizinhos que conhecem e muito das realidades vividas e inclusive presenciaram os mais diversos acontecimentos de uma história não sistematizada.

Lembro-me de uma experiência que vivi durante uma disciplina chamada “Estudos Amazônicos” que cursei na 5ª série do Ensino Fundamental⁹⁹, período em que morava no município de Óbidos. Além de nas primeiras atividades ter trabalhado, juntamente com os colegas de turma, com o reconhecimento do mapa da região – identificando os diferentes aspectos geográficos (extensão territorial, relevo, vegetação, clima, etc.) –, tive a oportunidade de fazer um levantamento das ditas “riquezas naturais” da nossa região.

⁹⁸ Este autor, especificamente, é conhecido por ter sido o primeiro a trabalhar com a noção de *mediação social*, considerada, segundo Maldonado (2008, p. 5) uma proposta revolucionária que surgiu nos anos 1980 e que se constituiu como “uma vertente crítica relevante para o processo de confrontação e desmontagem da hegemonia penetrante do *funcionalismo* no campo de pesquisa e produção teórica em comunicação”. De acordo com Orozco-Gómez (1998), o conceito se referia à função desempenhada pelos meios de comunicação de massa na realidade social. Nesse sentido, haveria dois tipos de mediação: a “estrutural” que diz respeito à “capacidad de los medios em tanto dispositivos de comunicación para conformar su apreciación de los hechos sociales”; e a “cognitiva”, ligada à “capacidad de los medios de conferir determinada orientación a sus contenidos; lo que ahora llamaríamos representación mediática” (OROZCO-GÓMEZ, 1998, p. 93-94). Nesse sentido, a grande diferença para a proposta de Martín-Barbero é que mediação de Serrano está essencialmente ligada e limitada aos meios.

⁹⁹ Cursei esta disciplina na Escola Municipal de Ensino Fundamental “São Francisco” em 2000, ano em que a escola passou a ser mantida pela Prefeitura do município. Em pesquisa sobre a fundação da escola, que data de 1911, encontrei um texto bastante interessante sobre sua história que fiz questão de compartilhar como fonte consultada neste trabalho: <<http://www.chupaosso.com.br/index.php/obidos/educacao/17-100-anos-da-escola-sao-francisco>>.

Nesse rol de “coisas” que precisava conseguir e levar amostras para sala de aula, encontravam-se desde minérios como bauxita, ferro, ouro, até ervas dos mais diferentes tipos, formatos e cheiros que até hoje não sei muito bem para que servem, mas que tem faculdade medicinal. Eu e os colegas reunimos também flores ornamentais e folhas de algumas espécies da região, com ajuda das amigas de minha avó que tinham em seus quintais ou jardins algumas dessas amostras.

Observando hoje está experiência, também vivenciada por meu irmão um ano antes, dimensiono o quanto ela repercutiu em minha formação e o quanto poderia ter contribuído, ainda naquele momento, para que eu e os colegas de turma começássemos a ter uma visão ampliada sobre o que é conhecimento – que não se limita ao conhecimento formal –, bem como uma postura diferente da que temos, de menos estranhamento em relação ao que compõe a Amazônia.

A noção hegemônica de conhecimento formal era – e ainda é – tão marcada seja na escola, em casa e junto de minha família, que lembro da dificuldade que tive para fazer esse trabalho, pois para descobrir o uso da semente do *cumarú*¹⁰⁰, por exemplo, não pude ir até a biblioteca pesquisar e sim tive que conversar com minha avó ou com o senhor¹⁰¹ que vendia todo tipo de “remédio natural” e tinha experiência do uso e preparo de cada uma dessas ervas.

Ao retomar na memória essa experiência, me pergunto como seria desenvolver um trabalho como esse se estivesse estudando em Belém? Tenho certeza que seria quase impossível, já que esses conhecimentos apesar de circularem ainda com muita força em nossas *idades-floresta* (PACHECO, 2006), para maioria das pessoas não tem valor ou não fazem parte de seu cotidiano. Vale ressaltar que ao comentar isso não estou questionando os hábitos próprios da vida urbana, mas sim refletindo sobre minha própria postura frente a esse tipo de situação.

¹⁰⁰ Semente oriunda de uma árvore de pequeno porte chamada Cumarú, presente na América Latina, de modo especial, na região amazônica. Entre outras potencialidades, a semente tem efeito anti-inflamatório e anticoagulante e é indicada para tosse, resfriado, gripe, asma, problemas respiratórios, febres, hemorragias e inflamações. Pelo aroma, o cumarú também é usado em perfumes e cosméticos e ainda na culinária, na aromatização de chocolates, bebidas e ainda elaboração de essência como a de baunilha, utilizada em bolos. O óleo da semente é recomendado para dores de ouvido (PLANTAMED; BLOG ERVAS E INSUMOS, acesso em 18 jun. 2013).

¹⁰¹ Infelizmente não sei o nome completo deste senhor, mas ele era conhecido como Seu Bermuda e tinha uma pequena loja próxima à praça José Veríssimo, no centro de Óbidos. Na última vez que estive no município (junho de 2013), vi que sua loja não existia mais e que pelas informações dos moradores ele ficou doente e por isso foi para Manaus, no Amazonas, de onde nunca mais retornou.

Esta reflexão passa pela noção da necessidade de equilíbrio no ato de cartografar, o que não implica a igualdade do ponto de vista quantitativo entre as "partes" teórica, metodológica e empírica. Na verdade, o equilíbrio é mensurado pela necessidade do objeto de estudo que em dados momentos pode "exigir" mais elementos teóricos do que empíricos, e vice-versa. No exercício cartográfico, sobretudo em uma investigação de cenários latino-americanos e amazônidas, não há como não haver elementos das três esferas necessárias à constituição do conhecimento científico. Grosso modo, diria que a *cartografia movente* é por si só uma postura que percebe teoria, metodologia e empiria em perfeita comunicação!

Aventuras do autor



Como parte considerável da aventura de Martín-Barbero, estão seus livros, abaixo relacionados por ano de publicação:

Figura 3 Produção intelectual em movimento (Livros)



todo indivíduo está presente – no sentido de colocado e conectado – na sociedade. Se assim o for, cada interação comunicativa carrega em si os elementos constitutivos das *mediações* que a delineiam, bem como cada *mediação* é constituída pelas interações comunicativas que conectam↔dissolvem↔reconectam o social e cultural, como propõe França (2001, 2006, 2008).

Diante do exposto, é preciso abandonar as explicações do tipo lineares e totalizantes,

por uma explicação em movimento, circular, onde vamos das partes para o todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenômeno. [...] a inteligibilidade dos fenômenos globais ou gerais necessita de circuitos e de um vaivém entre os pontos individuais e o conjunto (MORIN, 2010, p. 182).

A contribuição de Morin (2010) evidencia na verdade o inquietante processo de reunião e compreensão de elementos que constituem a obra de Martín-Barbero, que como mencionado não é cronologizável e muito menos passível de compreensão linear. Além disso, mais que uma trajetória de pesquisa, seu traçado me remete a uma vida de pesquisa, essencialmente *movente* e não passível de controle e compreensão por meio de uma observação estanque. E como complementa Rosário (2012b) a respeito da cartografia: “diferentemente do ‘mapa [que] só cobre o visível a cartografia acompanha a transformação da paisagem” (ROSÁRIO, 2012b, p. 1267)¹¹⁴.

Mapas que evidenciam especificidades

Segundo Martín-Barbero (2004, p. 12) num primeiro momento, acabamos pensando em mapas como instrumentos rígidos, suficientemente representativos de uma realidade e que com eles estaríamos impedidos “de fazer nosso próprio caminho ao andar, de aventurar-nos a explorar e traçar novos itinerários, evitando o risco de perder-nos, sem o qual não há possibilidade de descobrir(nos)”. O teórico faz alusão à forma como ainda tradicionalmente costumamos produzir conhecimento a partir do olhar de “cima” da realidade, como se colocássemos uma

¹¹⁴ A obra referenciada por Rosário (2012b) foi: ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial*. 250f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

câmera em um helicóptero e sobrevoássemos uma cidade, pensando que nada escaparia e que assim compreenderíamos sua totalidade e complexidade.

Na perspectiva das *cartografias cadastrais*, que são construídas de *cima* e às quais “nada escapa”, Martín-Barbero (2004, p. 13) segue caracterizando a América Latina na perspectiva em que a “cartografia *se move*” em múltiplas direções. É interessante como ele se refere aos denominados *planos* turísticos que se costuma fazer e que dão segurança ao visitante “de ver o que todos veem, para que não haja desencontros culturais”. E fugir dos desencontros culturais é o que fazem os donos do edifício de luxo de Santarém, que citei anteriormente no trabalho, ao construir um banheiro para o vizinho pescador. Essa reflexão também remete ao comportamento da maioria das pessoas – inclusive nós mesmos – que visitam e dizem conhecer determinadas cidades apenas por ter estado em seus pontos turísticos principais.

Olhando “de cima”, o olhar parece preenchido e satisfeito com a “monumentalidade” que têm os espaços formados por todo tipo de edificação, da mais sofisticada a mais pobre. Nesse visualizar, porém, não vemos os fluxos, não sentimos as interações sociais, e muito menos dimensionamos o dinamismo, a multidimensionalidade e a multicontextualidade dos processos comunicativos.

Pacheco (2013) comenta esse deslumbramento também presente nos relatos dos alunos do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial da Faculdade Brasil-Amazônia (Fibra) que participaram do Projeto de Extensão Roteiros Geoturísticos de Belém, vinculado à Faculdade de Geografia da UFPA¹¹⁵. “Muitos turistas, moradores ou mesmo alunos, quando visitam esse complexo território urbano, ficam encantados com o poder imponente das construções, os olhos brilham, a curiosidade se aguça” (PACHECO, 2013, p. 19). Apenas por essa perspectiva não percebemos as intersecções e alianças culturais que constituem o Centro Histórico de Belém, este visivelmente pensado para “celebrar uma memória da conquista portuguesa na Amazônia”, mas que também é resultado da ação de contingentes indígenas que moravam no local e que orientaram “o saber do colonizador” na formatação do espaço (PACHECO, 2013, p. 19).

¹¹⁵ O projeto é coordenado pela professora doutora Maria Goretti Tavares e está vinculado às ações do Grupo de Pesquisa de Geografia de Turismo (GGEOTUR).

Em função de cenários como este Martín-Barbero aponta para a necessidade de uma cartografia aprofundada e minuciosa – inclusive buscando seu traçado histórico oficial e silenciado –, que toca e sente a realidade e que em nenhum momento tem a pretensão de dar conta do total. O autor parece convidar a utilizar uma lente de aumento para evidenciar as particularidades e pontos específicos que no sobrevoo não são capturados e, sobretudo, que permita olhar de perto, apalpar, sentir e se deixar afetar pelos fenômenos observados, estando abertos ao “impulso creativo”, como comentam Mompart; Tresserras; Otto (1998, p. 73) e completa Rosário (2008). “O cartógrafo é um experienciador, um experimentador que se entrega ao caminho e vai apreciando nele aquilo que sua percepção lhe permite – eliminando a possibilidade do distanciamento do objeto e da razão pura” (ROSÁRIO, 2008, p. 215).

E isso exige, segundo Passos; Barros (2009, p. 30, *grifo nosso*) “um mergulho no plano da experiência, onde *conhecer e fazer se tornam inseparáveis*, impedindo qualquer pretensão à neutralidade”. “Conhecer o caminho de constituição de dado objetivo equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 31).

Assim, diferentemente do que se pensa, a “cartografia [que] *se move*” que podemos reconhecer em Martín-Barbero não se limita apenas à demarcação de fronteiras. Ela permite a construção de “imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos”, pois como menciona a partir de Serres¹¹⁶, estamos diante de uma “lógica cartográfica que se torna *fractal* – nos mapas o mundo recupera a singularidade diversa dos objetos: cordilheiras, ilhas, selvas, oceanos – e se expressa *textualmente*, ou melhor, *textilmente*: em pregas e des-pregas, reveses, intertextos, intervalos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 12).

Assim, seja indo até os pontos turísticos, seja olhando de cima uma cidade, em ambos os casos, mesmo se configurando como experiências totalmente distintas, não nos permitimos conhecer ou reconhecer o que de singular constitui os lugares. Talvez, por esse comportamento rotineiro de não enxergarmos o que de *movente* constitui a realidade – e assim não percebermos as interações e os processos comunicativos que interessam a nossas pesquisas – ainda hoje a

¹¹⁶ SERRES, M. Atlas. Cátedra, Madrid, 1995.

Comunicação não tenha bem claro, nem para as pessoas da área, o que efetivamente se investiga e quais seriam nossos objetos de estudo. Os meios massivos obviamente são de imediato reconhecidos, mas para além deles há as interações, mediadas ou não, que se processam e inclusive delineiam as práticas sociais e culturais nos lugares que visitamos e moramos.

Por isso, segundo França (2006, p. 15), a “forma de interação se coloca, assim, como chave analítica para pensar os sujeitos”. Pois “uma coisa é falar da presença viva e constituinte dos processos comunicativos na vida social; outra coisa é analisar estes mesmos processos – analisar como a comunicação acontece, constituindo a vida social” (FRANÇA, 2006, p. 11). Como complementa Braga (2011b, p. 66) o desafio seria “observar como a sociedade conversa com a sociedade”.

Sabemos também que ao nos dedicarmos à compreensão de processos comunicativos estamos adotando o que Braga denomina de objeto de estudo dito “extra-midiático”. Por isso, é preciso ter cuidado com a leitura dos cenários na esfera da cultura, pois “o que efetivamente interessa à comunicação não é propriamente a questão cultural [...]. Mas sim o das interações comunicacionais entre diferentes culturas” (BRAGA, 2011b, p. 76).

Ao nos falar, por exemplo, dos limites territoriais de uma cidade que podem ser vistos a partir de uma mirada de cima, mas apenas conhecidos e sentidos ao trilhar “as rotas e derrotas” vivenciadas pelos grupos das periferias, como os moradores sem-teto que cada dia mais estão distantes do centro, fazendo a cidade crescer sem que nós que residimos no centro percebamos, Martín-Barbero (2004, p. 14) se refere a mapas feitos desde a margem, em que também podem ser observados trajetos das ditas tribos urbanas, como *punks*, *metaleiros* e *taggers* – estudados por Reguillo-Cruz¹¹⁷ – que por suas vivências também delineiam novas fronteiras para as cidades. É o caso também da face/identidade ribeirinha de Belém¹¹⁸, que apesar de estar presente desde a constituição do município é pouco observada por parte considerável por seus moradores, tanto que estes vivenciam

¹¹⁷ REGUILLO-CRUZ, Rossana, *Estrategias del desencanto*. Emergencia de culturas juveniles. Norma, Buenos Aires, 2000.

¹¹⁸ Saint Clair Cordeiro da Trindade Jr. (2002), também citado por Pacheco (2013), explica que uma cidade não pode ser classificada como ribeirinha apenas pelo fato de estar situada à margem de um rio. Há que se ter efetivas interações entre os moradores e o rio, seja ligadas a questões de transporte, relação de subsistência ou ainda relação simbólica.

diariamente a “dinâmica aquática” (VIDAL, 2013), enquanto outros moradores nem notam este movimento. Eu preciso ir a Óbidos para perceber o quanto isso tem a dizer sobre nós mesmos. Pacheco (2013) cita que um dos participantes do projeto de extensão, por exemplo, revela a lógica aquática que marca o funcionamento de Belém, por exemplo, para moradores do bairro da Cidade Velha que contam com embarcações para realizar deslocamentos diários¹¹⁹.

Diante dessas afirmações, nos parece que com a reconfiguração da noção de mapa e o estabelecimento de uma conduta cartográfica outra – que vai em busca da singularidade do observado –, acaba-se por revelar mais do que nos mapas cartesianos tradicionais. Ao que me parece, reconhecer a perspectiva fragmentada ou *fractal* da realidade é na verdade se permitir olhar no emaranhado dos fluxos aquilo que constitui o cenário observado de forma singular, mas não total e muito menos fixa e única. Assumindo a noção de processualidade, mobilidade e atravessamento de interações, o mapa circunscreve possíveis caminhos a serem observados e trilhados, estes, porém de diferentes modos, pois o que se indica são pontos e linhas de singularidade em que se mantêm relações de troca, identificações, etc., e que ao serem interconectados – a partir de variadas combinações e não apenas uma – produzem sentido e revelam uma face de determinado espaço, não necessariamente geográfico. Assim, a cartografia permite passeios/trajetos mentais, imaginários e interpretativos.

Outro ponto central observado na citação que Martín-Barbero (2004, p. 12) faz de Serres, é relativo ao processo de tessitura dos mapas, que assumem características de um tecido que, por sua vez, me remete a um emaranhado de pontos que se conectam e que vistos à distância parecem constituir uma peça única, não necessariamente de forma organizada, harmônica e linear¹²⁰. Pelo contrário, percebo que no exercício da *cartografia movente*, ao registrar a descrição dos pontos de observação que serão interconectados, acaba-se deixando intervalos e estabelecendo intertextos, que possibilitam uma leitura alinear e individual do mapa proposto.

¹¹⁹ Vale registrar que estão vinculados ao município de Belém, 39 ilhas e oito distritos administrativos (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO MUNICÍPIO DE BELÉM, 2012, acesso em 13 jun. 2013).

¹²⁰ Abstraindo essa ideia, foi feito um estudo para a elaboração da identidade visual deste trabalho, incluindo capa e elementos internos de arte.

Tratando de *cartografias cognitivas*, Martín-Barbero (2004) explica que esses são mapas mentais e abstratos. E a partir do atravessamento de categorias centrais do pensamento moderno, *universo* (Isaac Newton), *continentes* da história (Karl Marx) e de *inconsciente* (Sigmund Freud), o autor apresenta a noção de *arquipélagos*, ou seja, um espaço desprovido de um limite físico e rígido ou de uma fronteira, na concepção tradicional, que o una e circunscreva. É como se, metaforicamente, o continente se repartisse em ilhas múltiplas e diversas, que mesmo separadas se interconectam.

Pensar o arquipélago é, então, indagar o novo tipo de *logos* que interconecta o diverso: “Aquele espaço por sua natureza intolerante à subordinação e à sucessão hierárquica. No espaço móvel da coabitação e da coordenação, as singularidades do arquipélago pertencem umas às outras” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 13)¹²¹.

Nesse enfrentamento reconheço que a noção de *arquipélago* é fundamental para a compreensão de nossas cidades, ou de outros territórios que visualmente parecem únicos e homogêneos. Tomando por base o critério da diversidade que estabelece a conexão entre as ilhas componentes, é possível observar as áreas de *várzea* e de *terra firme* da Amazônia, que no período de seca configuram-se como um território único, mas que na subida dos rios a água se encarrega de separar e criar ilhas, mantendo ainda suas interconexões nos mais diversos aspectos.

Diante disso nada é mais apropriado nesse momento do que refletir sobre o significado de *movente* na Amazônia, percebida aqui por seu atributo mais óbvio e famoso: a exuberância de sua paisagem natural. Mesmo sabendo das implicações que uma afirmação como essa pode gerar, já que não dimensiono todos os fatores biológicos, ecológicos e geográficos, por exemplo, que estão em jogo, ousar dizer que não há como não perceber essa natureza “natural”¹²² da Amazônia como um dos maiores exemplos de sua lógica essencialmente *movente*. Um movimento que é próprio de sua constituição, que a todo instante altera seus ecossistemas prevendo a sobrevivência e coexistência das mais diversas espécies da fauna e da flora, bem como de suas populações.

¹²¹ Nesta citação, Martín-Barbero faz referência a duas obras de Cacciari: *Geofilosofía de Europa*. Adelphi, Milano, 1994; *El archipiélago*. Figuras del otro Occidente. Eudeba, Buenos Aires, 1999.

¹²² Natural no sentido do que é produzido e mantido pela própria natureza; original; não produzido pela ação do homem; que não tem artifício ou mistura.

A partir de interpretações de Pinto; Rodrigues¹²³ sobre a obra do historiador paraense Leandro Tocantins, Sandro Colferai e Gilson Monteiro (2011) falam de um entrelaçamento permanente e *movente* entre a “organização da vida na região e o humano e o meio ambiente”, que não pode ser percebido como dicotômico (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 4).

Como sintetizam os autores

O meio amazônico, dominado pela floresta tropical, se apresenta tão exuberante quanto heterogêneo, desde os mangues no litoral do oceano atlântico, passando pelo cerrado ao sul da região, até as diferentes matas nas calhas dos grandes rios. O encontro destes elementos, eles mesmos diferentes no seu interior, torna qualquer abordagem da Amazônia superficial quando não é levada em conta a complexidade que cerca o próprio ambiente e a interrelação com os seus habitantes (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 4).

Entre os exemplos desse *movente* está o que Pacheco (2009) chama de *regime das águas*, a partir do qual se estabelecem relações humanas de forte dependência com as águas de rios, igarapés, furos – nesse caso marajoaras. Nesse sentido, Vidal (2013) identifica a partir da obra de Pacheco a chamada “dinâmica aquática”, que interfere diretamente na vida dos amazônidas.

Isso pode ser observado na experiência de Pacheco (2009) que em um dado momento da pesquisa de doutorado sentiu-se estrangeiro, ao perceber o desconhecimento do ritmo das águas na fronteira dos “Marajós das Florestas” e “Marajós dos Campos”.

Ciente e conhecedor do regime das águas doces da região de Floresta me embaralhei completamente quando fui conhecer a contra-costa, nas temporalidades a envolver Afuá e Chaves. Semelhante a viajantes estrangeiros que quiseram conhecer aquele Marajó no século XIX [...], enfrentando as águas do Amazonas em seu encontro com águas do Atlântico, na fronteira Pará/Macapá [referência ao Estado do Amapá], senti-me como um estranho em fronteiras que separam o Marajó das Florestas do Marajó dos Campos, no norte do grande arquipélago (PACHECO, 2009, p. 23).

Sobre esse mesmo episódio o pesquisador conta:

¹²³ A obra referenciada por Colferai; Monteiro (2011) é: PINTO, Renan Melo Freitas; RODRIGUES, Renan Albuquerque. Considerações sobre a produção de Leandro Tocantins a partir de estudos linguísticos baseados na obra Tempo e Narrativa, Paul Ricoeur. *Revista Mutações*, v. 1, n. 1, Parintins (AM), 2010.

Julgando-me experiente em viagens, parecia ser a rota traçada um percurso tranquilo. Mas quando desembarquei em Macapá tomei conhecimento das dificuldades para completar os destinos planejados. Depois de saber o local e o provável horário da lancha para Afuá, ao chegar ao porto percebi a embarcação no seco e as pessoas esperando a autorização para o embarque. Curioso em descobrir o real horário da partida, indaguei a um tripulante da lancha, o qual respondeu: - "Quando a maré crescer, viajaremos!". Mesmo em pleno século XXI, numa era das mais criativas formas de comunicação, a Amazônia e seus Marajós continuavam piamente conectados e dominados pelo regime das águas (PACHECO, 2009, p. 24).

Pensando na dinâmica periódica de cheia e seca dos rios da região, me remeto ao que observo em Óbidos, onde as paisagens simplesmente se transformam pelo menos duas vezes no ano, também estabelecendo outras formas de comunicação entre os moradores, sob o *regime das águas*.

Figura 5 "Rua de rio" ou o "rio na rua"?
A paisagem *movente* em tempos de cheia (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Figura 6 A paisagem *movente* em tempos de seca (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo de família

Figura 7 No rural ou na *floresta*, o barco "estaciona" na porta de casa¹²⁴



Fonte: Acervo de família

¹²⁴ Apesar de frequentada por moradores de Óbidos, a casa que aparece na foto está localizada na zona rural de Oriximiná, que faz fronteira com o primeiro município.

Figura 8 E na cidade também! (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo da pesquisadora (janeiro de 2010)

Cidades como Óbidos tem parte considerável de seu território invadido pelas águas e assim a vida dos moradores passa a se dar necessariamente em cima de pontes, ou melhor, das *marombas*¹²⁵, que também precisam ser ajustadas ao longo da cheia, tendo em vista o movimento diário da água. Com as marombas se estabelecem as novas ruas da cidade, ou seja, interconectam-na novamente por cima da água. Quando a água chega ela cria ilhas dentro da cidade que pelas marombas se reconectam.

¹²⁵ Consultando dicionário Aurélio (1988, p. 892), verifiquei que o termo tem origem na palavra *maroma*, que seria uma corda grossa usada para atravessar de um lado ao outro, ou ainda uma “armação de espeques altos e isolados, sobre a qual se constrói a habitação, à borda dos rios”. Assim, entre os significados de *maromba* está: “jirau onde se põe o gado por ocasião das cheias”. Em um dicionário virtual (INFORMAL, acesso em 02 jul. 2013), *maromba* seria: “um jirau alto, feito de tábuas ou troncos, onde se põe o gado durante as grandes enchentes na região amazônica. Serve também para por a salvo plantas, animais domésticos e objetos de utilidade do ribeirinho. A maromba é uma forma das pessoas se defenderem das águas dos grandes rios”. É interessante observar ainda o sentido de *marombar* que seria equilibrar-se, um pouco do desafio que os leigos na dinâmica de andar por cima de *marombas* enfrentam.

Figura 9 (Novas) conexões e interações na paisagem *movente* da cheia (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Conforme a água sobe, os moradores todos os dias vão construindo novos caminhos para, por exemplo, ir de casa ao trabalho. Se em algum lugar a água já chegou e ainda não tem ponte, é preciso dar a volta pelas marombas já colocadas até que algum morador crie um novo caminho, ou melhor, financie a *construção* de uma nova ponte. A água desfaz os caminhos das ruas comuns e delinea novas interconexões também dentro das casas e estabelecimentos comerciais – como farmácias, lojas de confecções e mercados.

Figura 10 Outras conexões e interações na paisagem *movente* da cheia (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

É muito instigante observar que por conta da "invasão" da água e construção de pontes, estas acabam evidenciando em meio a paisagem as principais interações ou fluxos comunicacionais que delineiam a dinâmica daquela parte da cidade. Assim como, se pode notar claramente a ausência de pontes de um local a outro, ou seja, os "não caminhos" e/ou interações que possivelmente não se estabelecem.

Exemplo disso é a rua em que meus avós moram em Óbidos. Nela há poucas residências por se constituir como uma área comercial, com lojas de diversos segmentos. Assim, além das pontes pensadas para atender os dois lados da rua e praticamente todas as lojas, aparecem pontes únicas e que não seguem a dinâmica do comércio. É o caso da maromba que serve aos meus avós, construída para garantir o caminho diário de casa ao trabalho. Tanto é que na referida maromba, não há extensões que conduzam ao lado do Mercado Municipal, por exemplo, já que não há relações comuns deles com essa parte da cidade.

Figura 11 As marombas evidenciam que o caminho é de casa para o trabalho



Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Figura 12 Um olhar "de cima" dos fluxos comunicacionais revelados pela natureza *movente* (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Nesse sentido o fenômeno natural de cheia do rio acaba por revelar os fluxos comunicacionais mais intensos e comuns no dia a dia daquela parte da cidade, o que na seca acaba se diluindo na paisagem, podendo ser percebido apenas por uma sistemática rotina de observação.

Ainda tomando como base a experiência de meus avós é interessante registrar que eles têm duas portas diferentes para a entrada da casa: uma para a seca e outra para o período de cheia. Essa troca é necessária, pois quando a água sobe, parte da porta da seca precisaria ser *cortada* para a entrada da maromba até a escada, já dentro da casa. Assim, já existe uma porta mais curta para a cheia e uma *normal* para o período da seca.

Como já mencionei, na comunidade da Santíssima Trindade, em Óbidos, as atividades dos moradores são pautadas também na “dinâmica aquática”, como o funcionamento da escola, que vai para o “fundo” com a subida do rio. Por essa dinâmica, é interessante pensar na afirmação feita por Colferai; Monteiro (2011, p. 3) de que “para além das visões míticas e discursos ambientalistas, a Amazônia é habitada por populações milenares, que aprenderam a conviver com a natureza que se impunha a sua volta”.

Figura 13 Urbano↔Floresta↔Urbano:
casa na comunidade Santíssima Trindade (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo da pesquisadora (janeiro de 2010)

Além disso, Colferai; Monteiro (2011) sugerem os *ecossistemas comunicacionais*, a partir dos quais nenhum elemento que interfere e delinea as interações comunicacionais podem ser desprezados ou excluídos. É preciso, como alertam os autores, uma pesquisa em Comunicação na Amazônia “que leve em conta todos os elementos interconectados no processo de circulação de saberes, e não apenas o hoje tradicional processo de captação, produção e difusão das informações” (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 5), possibilidade totalmente compatível com a proposta da *cartografia movente*.

a comunicação não se dá somente entre homens, mas também entre eles e o meio ambiente em que vivem, e mesmo entre seres vivos não-humanos, nos aproximando da apreensão de que há a necessidade de considerar o todo, e as relações humanas como apenas mais uma das relações que se estabelecem no mundo natural e no mundo da Comunicação (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 4).

O desafio é reconhecer e compreender as paisagens amazônicas que incluem não apenas os recursos naturais, mas todos os tipos de relações humanas entre si e com a natureza. Observando essas paisagens, por exemplo, me surpreendi com relatos citados por Ninon Rose Tavares Jardim (2013), de que em meio à(s) paisagem(ns) do “Marajó das Florestas”, os moradores reconhecem a chegada das pessoas pelo som de suas embarcações ou pelo barulho do motor. Esses sons, como tantos outros, diferem-se do restante da paisagem, reconhecida inclusive pela autora como a “sinfonia marajoara”, fazendo referência, principalmente, aos sons “da mata” que guiam os moradores pelos caminhos abertos pelos rios.

Nós que vivemos na *cidade grande* que não estamos habituados aos sons da natureza marajoara, não conseguimos perceber as intensidades das *notas* das paisagens por dentro da mata inundada, no entanto para um olhar e ouvido atentos e acostumados a perceber detalhes de texturas, formas, sons e cores que a natureza faz, é fácil achar os *caminhos* (JARDIM, 2013, p. 102-103).

Frente ao exemplo da pesquisadora, me lembrei de uma das atividades desenvolvidas na pesquisa de campo do TCC: a sessão de cinema na comunidade. Como relatei no Diário de Campo, o que em um primeiro momento parecia simples, ao chegar na comunidade vi que a logística para essa atividade seria enorme. Foi necessário providenciar desde o óleo diesel para colocar no gerador de energia até

a estruturação de um espaço adequado para exibição, incluindo a limpeza da Igreja e ainda a improvisação de uma tela de projeção com um lençol branco¹²⁶.

Figura 14 "E a luz se fez" na Santíssima Trindade modificando a paisagem *movente*



Fonte: Acervo da pesquisadora (janeiro de 2010)

Além de organizar a estrutura, contei com a colaboração do morador responsável pelo gerador da comunidade, que ficou neste dia à disposição, aguardando a ligação no seu celular para que ligasse e desligasse a energia dentro da Igreja.

A [primeira] sessão de cinema começou às 15h20. A comunidade foi invadida pelo “cheiro de pipoca”. Antes de colocar o filme, eu passei um vídeo que preparei com fotos que havia tirado durante as atividades com eles. Senti que eles adoraram e percebi ainda a necessidade de se sentirem representados naquela mídia. Os dois alunos que não apareceram comentaram com a professora porque não haviam aparecido. [...] Começou, então, o filme (MIRANDA, 2010a, p. 14).

¹²⁶ Todo esse trabalho só foi possível pela “colaboração de membros de nossa família (avós, tios e primos), de pais e familiares de alunos, das professoras, da funcionária de serviços gerais da escola, dos moradores da comunidade responsáveis pelo funcionamento do gerador e pela igreja da comunidade” (MIRANDA, 2010b, p. 85-86).

Retomando as anotações do Diário de Campo me emociono lembrando da sensação que tive ao observar, já depois de tudo montado e acontecendo, que o “cheiro de pipoca” e o som do filme (trilha e fala das personagens) simplesmente invadiram a comunidade e pararam a vida daquelas crianças por pouco mais de duas horas. Me surpreendi e fiquei encantada ao ver que aqueles elementos *modificaram* por poucas horas a paisagem habitual da comunidade.

A sensação desde o cinema era estranha. Sei lá, ao terminar a exibição fui deixar as crianças no barco aí comecei a ficar triste e um pouco impotente por ver que a partir de amanhã a vida daquelas crianças voltaria para as mesmas condições, dificuldades, etc.. E que eu também estaria sem elas novamente. Tanto é que voltei calada para Óbidos (MIRANDA, 2010a, p. 26).

Ao cartografarem as pesquisa em Comunicação produzidas na Amazônia, Colferai; Monteiro (2011, p. 3) acabam identificando marcas da *dependência* teórica e, sobretudo, “um olhar do colonizador sobre o colonizado”, um pouco do que ainda carrego ao olhar para a região e não reconhecer cenários como os que Pacheco (2009) e Jardim (2013) apresentam, sem a carga do periférico ou exótico.

É preciso levar em conta que esforços de se fazer pesquisa em comunicação na Amazônia tornam visíveis os limites que precisam ser transpostos. Tais esforços podem ser caracterizados como recentes e os trabalhos que vem à luz, na maioria, são reflexo de um pensamento sobre a região construído sobre bases teóricas e epistemológicas articuladas desde outros contextos.¹²⁷ Acreditamos ser possível inferir que trata-se, em parcela significativa desses trabalhos de pesquisa, de exercício de adequação do objeto à teoria, pouco apreendendo das particularidades da região e das suas conexões (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 2).

Por conta dessa relação de *dependência* teórica mantida ainda hoje na América Latina, Martín-Barbero (2004, p. 245) considera que “não dispomos de categorias de interpretação capazes de captar o rumo das vertiginosas transformações que vivemos”.

o método a partir do qual as transformações culturais são vistas e reduzidas a *efeitos* dos meios, efeitos isoláveis e mensuráveis, não só deixa de lado por não poderem ser objetivadas outras variáveis

¹²⁷ Os autores empreendem uma análise considerando os artigos científicos publicados nos Anais dos eventos regionais da Intercom no Norte do país, entre os anos 2009 e 2011, e verificam que dos 51 trabalhos apresentados nesses três nenhum se dedica a “discussões, tanto nas divisões temáticas como em conferências, acerca da produção científica em comunicação e da epistemologia do campo voltadas para a realidade regional” (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 8).

do contexto social mais eficazes que os próprios meios, mas incapacita para compreender e abordar os processos culturais enquanto processos sociais multidimensionais e de longo alcance, isto é, não quantificáveis pontualmente. E com isso é toda a problemática da articulação entre sistema de produção e relações de poder que é radicalmente descartada (MARTÍN-BARBERO, 2004. p. 65).

A multidimensionalidade dos processos comunicacionais não cabe nos modelos hegemônicos de pesquisa. Por isso, de modo específico, Martín-Barbero afirma que no modelo funcionalista não há espaço para conflitos e contradições. Nesse modelo, as respostas são sempre únicas e verdadeiras.

Diante disso, observo a postura da *cartografia movente* como elemento chave para a visualização do(s) objeto(s) de estudo da Comunicação em processamento na dinâmica da vida e em um cenário *movente* e singular como a Amazônia. Como sugerem Colferai; Monteiro (2011)

só dessa forma é possível pensar em um processo de pesquisa em comunicação capaz de dar conta dos desafios de compreender a região e suas especificidades para, assim, se chegar à proposta de uma visão ecossistêmica da Comunicação como processo de interrelação entre os vários campos do conhecimento, porém, como parte de um (eco)sistema cuja característica fundante é a complexidade, como o é em relação à própria floresta (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 2).

E o que seria esse processo se não a própria *invenção* de que nos fala Martín-Barbero? Assim, a *invenção* se apresenta como uma possibilidade favorável para o trabalho com o objeto de estudo da Comunicação na Amazônia e isso pressupõe a adoção de uma conduta cartográfica, que por sua vez, é propícia para a percepção e interpretação das ricas *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* amazônicas.

Com esse entendimento, percebo inclusive uma possível alternativa para a angústia que atormenta autores que como Martino (2004, 2007b) se preocupam com o fato da área da Comunicação ainda não ter um objeto de estudo constituído e muito menos uma base teórico↔metodológica razoável para balizar seus estudos. Como se sabe, muito do que se tem – mas não somente! –, ainda está preso a relações de *dependência* com paradigmas totalizantes. Diante disso, é necessário perceber que nosso caminho é realmente outro e que a área da Comunicação inclusive para existir exigiu uma série de deslocamentos, como fez Martín-Barbero.

Então mais que avançar na reunião e/ou resgate de teorias, é preciso o esforço de trabalhar na *invenção*, o que é viável e até solicitado pelos cenários empíricos encontrados na Amazônia. Nesse sentido a *cartografia movente* me parece um exercício de formação de novos pesquisadores para área. Por exigir desprendimento e desobediência de algumas rotinas científicas durante a investigação, o que é condizente para que estes pesquisadores venham futuramente a produzir conhecimentos no nível da *invenção* e colaborando para a consolidação da entrada nas questões amazônidas pelo viés comunicacional, como indicado por Braga (2011b).

Abstraindo ao sentido da *invenção* e sua relação com o objeto de estudo da Comunicação, me remeto ao sentido do recorrente dito de que “quem tem medo não vê Deus”¹²⁸. Ao que me parece, grosso modo, seria possível dizer que quem tem medo – ou, quem não consegue se libertar e se lançar à *invenção* – não poderá tocar, apalpar ou minimamente ver o processo comunicativo ou o objeto de estudo da área, na dinâmica na vida.

Porém, segundo Colferai; Monteiro (2011, p. 5), “buscar novos caminhos não é tarefa simples. Requer abandonar a segurança dos caminhos já conhecidos e percorridos”, tanto na pesquisa em Comunicação como na forma de olhar a Amazônia.

Isso não quer dizer proibir e coibir, como já mencionei, o encantamento pelo que se pesquisa e que a todo instante ganha vida no texto. E de fato não há como, nos movimentos da região, não se surpreender com o que acontece, por exemplo, em frente à casa de meus avós! Há anos presencio a subida do rio e mesmo assim sempre olho como se fosse a primeira vez. Acredito que isso se deve um pouco ao próprio *impacto* – em um sentido bem funcionalista – que sinto ao observar a transformação da paisagem. O *efeito* é muito grande e representativo tal como a noção que se tem da região de algo exuberante, imenso e de uma força incontrolável.

¹²⁸ Adágio popular.

Figura 15 Um *movente* que me constitui



Fonte: Acervo de família

Invenção e os novos territórios de pensamento

Como já mencionado, Martín-Barbero questiona o uso das teorias estrangeiras para análise de realidades latino-americanas, que acabam por generalizar os acontecimentos e a percebê-los, sempre, como resultados de permanente dominação. Fazendo referência à ciência clássica, Morin (2009, p. 14) denomina movimentos como este de “inteligência que só sabe separar” que, nesse processo de separação, acaba gerando respostas gerais para problemas não necessariamente convergentes. Para o teórico, essa ciência

fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, *unidimensionaliza o multidimensional*. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua *insuficiência* para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade (MORIN, 2009, p. 14-15, *grifo nosso*).